

OPRATÍO

14.º aniversário da EPM-CELP

Língua portuguesa catalisa culturas



Entrevista

O cônsul de Portugal em Maputo, Gonçalo Teles Gomes, relewa o papel da Escola Portuguesa de Moçambique no domínio das relações de cooperação entre as nações moçambicana e portuguesa.

PÁGINA 9



Homenagem

Esponaneamente, alunos da EPM-CELP homenagearam Nelson Mandela na manhã seguinte à tomada de conhecimento da morte do carismático líder sul-africano.

PÁGINA 4

EDITORIAL

Língua portuguesa catalisa riqueza cultural

Com a bandeira da multiculturalidade comemorámos, este ano, o 14.º aniversário.

Ponte entre várias culturas que coabitam no dia-a-dia, tornando esta escola única, a língua portuguesa catalisa a riqueza cultural dos segmentos que a compõem, enriquecendo as aprendizagens de cada um. A Escola Portuguesa de Moçambique tem-se afirmado, ao longos dos seus 14 anos de existência, como marco no ensino e na sua missão de integração de jovens, contribuindo para um convívio saudável entre Portugal e Moçambique, segundo palavras do cônsul de Portugal em Maputo em entrevista publicada neste número.

Esta filosofia de respeito pela diferença e os ideais humanistas que nos pautam esteve espelhada nas homenagens que os nossos alunos fizeram a Nelson Mandela, exemplo de luta pela justiça e defensor de uma sociedade em que todos os seres humanos, independentemente da sua pertença cultural, têm acesso aos mesmos direitos e partilham responsabilidades similares.

O desporto escolar também tem contribuído para a criação de um espaço de encontro entre várias escolas, potenciando a criação de uma cultura de responsabilidade, de superação das nossas limitações e de fortalecimento do espírito de equipa e laços identitários para com a escola a que pertencemos.

As atividades de solidariedade organizadas por ocasião do Natal evidenciaram a generosidade, a entrega e a capacidade de organização dos nossos alunos em projetos que visam a melhoria de vida dos mais desfavorecidos deste país que nos acolhe.

Este diálogo permanente entre a escola e o meio onde está inserida depende do grau de domínio da língua que nos é comum e, consequentemente, do nosso investimento na formação e nos projetos de incentivo à leitura dentro e fora da escola.

DIREÇÃO

Para ler nesta edição

- 4** EPM-CELP | Alunos da EPM-CELP prestaram homenagem a Mandela. Lançamento do livro “O Caçador de Ossos” e avaliação de professores marcaram agenda da escola.
- 5** ATIVIDADES | Lançamento do projeto “Machambinha”, observação espacial, experiência paleontológica e palestra sobre educação e desenvolvimento pessoal diversificaram iniciativas do 2.º período letivo
- 6** NATAL | Alunos e professores fantasiaram o Natal que, generosamente, se estendeu às crianças internadas no Hospital da Machava
- 8** COOPERAÇÃO | O projecto “Mabuko Ya Hina” encerrou atividades de 2013 e recebeu nota positiva dos dirigentes das escolas aderentes
- 9** ENTREVISTA | Falar português abre portas em todos continentes, considerou o Cônsul-Geral de Portugal em Maputo, Gonçalo Teles Gomes
- 12** TIC | Aprendizagem de tecnologias digitais facilita a aprendizagem da leitura e escrita no primeiro ciclo do ensino básico
- 13** EFEMÉRIDES | Proteger os adolescentes do HIV e monitorar a diabetes preencheram programas do Gabinete Médico da EPM-CELP
- 14** PALAVRA EMPURRA PALAVRA | Lucílio Manjate - humildade e nobreza do escritor habitam na sua obra “A Legítima Dor de Dona Sebastião”
- 17** PSICOLOGANDO | O sentir dos meninos que procuram apoio nos Serviços de Psicologia e Orientação
- 16** DESPORTO | Basquetebol, mostra de competências gímnicas e “desporto-rei” animaram programa de encerramento do primeiro período do ano escolar de 2013/2014

PÁTIO DAS LARANJEIRAS | Revista bimestral da EPM-CELP | Ano XI - N.º 88 | Edição Nov/Dez 2013

Directora Dina Trigo de Mira | **Editor Geral** António Faria Lopes | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redação** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Margarida Vasconcelos | **Editores** Ricardo Franco (TIC), Alexandra Melo (Psicologando) e Fulgêncio Samo (Palavra Empurra Palavra) | **Editora Gráfica** Ana Seruca | **Colaboradores redactoriais nesta edição** Ana Albasini, Luísa Antunes, Teresa Noronha e João Paulo Videira | **Grafismo e Pré-Impressão** Ana Seruca, António Faria Lopes e Fulgêncio Samo | **Fotografia** Filipe Mabjaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Graça Pinto e Ana Paula Relvas | **Impressão e Produção** Centro de Recursos Educativos | **Distribuição** Fulgêncio Samo (Coordenador)

PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.^a do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: www.epmcelp.edu.mz | E-mail: patiodaslaranjeiras@epmcelp.edu.mz

Multiculturalidade marcou 14.º aniversário da EPM-CELP

A exaltação da multiculturalidade da língua portuguesa foi a marca da celebração do 14.º aniversário da EPM-CELP, fundada em 1999. Conta, atualmente, com cerca de 1700 alunos pertencentes a mais de 20 nacionalidades. A diretora da nossa Escola, Dina Trigo de Mira, afirmou, na sessão solene comemorativa do aniversário, realizada a 29 de novembro último, que a multiculturalidade faz jus à “praxis” educativa da EPM-CELP, cujo projeto educativo valoriza uma cultura humanista e universal.

Dina Trigo de Mira adiantou que a celebração do aniversário da EPM-CELP era a expressão da felicidade e da união estabelecida pela língua portuguesa, cuja universalidade deixa de ser uma utopia e passa a ser uma missão quando se reflete na realidade, mesmo quando esta é marcada, circunstancialmente, por alguma tensão social e política.

A sessão solene foi enriquecida pelas intervenções musicais dos alunos do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo, com interpretações de peças clássicas de violino e entoação de cantos, sob a batuta dos professores titulares e da disciplina de Educação Musical. Aos alunos do ensino secundário coube a tarefa de protocolar a condução da cerimónia oficial do acolhimento dos encarregados de educação e das entidades oficiais convidadas para o evento, que teve lugar no pavilhão gimnodesportivo.

A premiação dos alunos que mais se distinguiram no ano letivo 2012/2013 constituiu, como é tradição, um dos pontos altos da sessão solene, para os quais contribuíram, através da entrega dos diplomas e certificados, as presenças do embaixa-



dor e do cônsul de Portugal, respetivamente José Augusto Duarte e Gonçalo Teles Gomes.

Do programa de atividades do 14.º aniversário constou, igualmente, uma exposi-

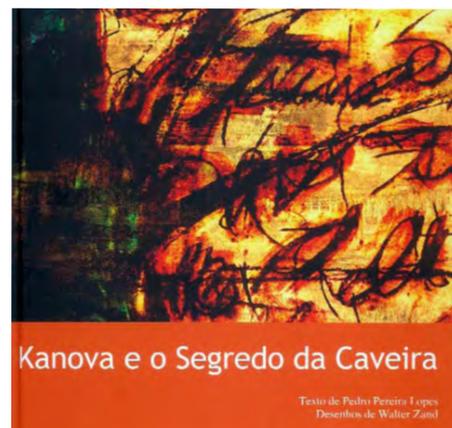
ção coletiva de artes plásticas, patente no átrio principal da EPM-CELP, com obras de Chaná, Mugime, Lica Sebastião e Titos Pelembe, num conjunto de trabalhos realizados em acrílico e técnicas mistas.



Solenidade especial relançou “Kanova e o Segredo da Caveira”

Integrada nas celebrações do 14.º aniversário da EPM-CELP, realizou-se, imediatamente após o termo da sessão solene, a cerimónia de apresentação do mais recente livro da Coleção Contos e Histórias de Moçambique intitulado “Kanova e o Segredo da Caveira”, com textos de Pedro Lopes e ilustrações de Walter Zand. Estes autores estiveram presentes na cerimónia, durante a qual assistiram à dramatização da história que escreveram e ilustraram.

A obra fora lançada, a 5 de novembro, no Centro Cultural Ntsindya, em cerimónia integrada nas atividades de encerramento da edição 2013 do projeto Mabuko Ya Hina.

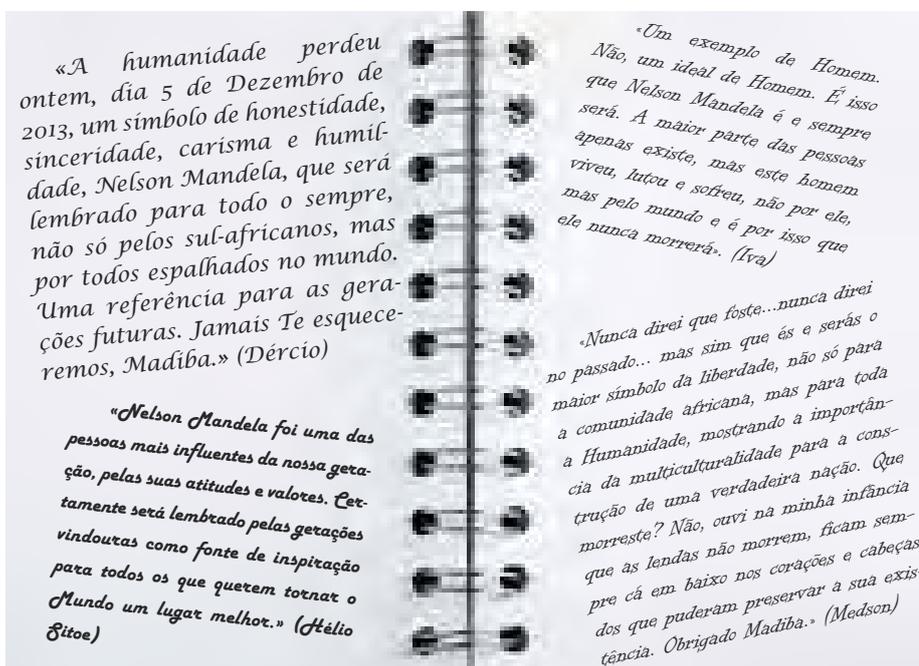




Mandela inspirou reflexão sobre valores humanos entre alunos do “secundário”

Tal como no resto do mundo, a comunidade educativa da EPM-CELP reagiu à morte de Nelson Mandela, ocorrida a 5 de dezembro último. Na manhã seguinte, durante uma aula de filosofia, os alunos do 11.º A2 inspiraram-se na figura de “Madiba” para refletir sobre valores humanos universais, evocando a memória do primeiro presidente da África do Sul livre do *apartheid* e Nobel da Paz em 1993.

Em homenagem a Nelson Mandela, os alunos escreveram pensamentos associados a uma das figuras mais carismáticas da humanidade, que, depois, leram aos colegas em digressão pelas salas de aula.



Portugal condecorou Paulina Chiziane e Ungulani Ba Ka Khosa

O Presidente da República de Portugal condecorou os escritores moçambicanos Paulina Chiziane e Ungulani Ba Ka Khosa com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Na cerimónia de imposição de insígnias, realizada a 5 de dezembro, no salão nobre do Hotel Polana, em Maputo, os dois escritores e inteuais moçambicanos foram reconhecidos pelo seu contributo no enriquecimento da literatura moçambicana e pela divulgação internacional da cultura do seu país.

Lançamento do livro “O Caçador de Ossos”

A obra “O Caçador de Ossos”, com texto de Carlos dos Santos e ilustrações de Emanuel Lipanga, é o sétimo livro da colecção Contos e Histórias de Moçambique, lançado a 14 de dezembro último, no Centro Cultural Franco Moçambicano. Mais uma edição com a chancela da EPM-CELP, em parceria com a Fundação Contos pelo Mundo.



Docentes da EPM foram avaliados

Meia dezena de professores em serviço na EPM-CELP realizaram, a 18 de dezembro último, a prova de avaliação de conhecimentos e capacidades, destinada, obrigatoriamente, a todos os docentes com menos de cinco anos de serviço docente.

A avaliação, inovadora no sistema educativo português, decorreu, com normalidade, ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 7/2013, de 23 de outubro, do Ministério da Educação e Ciência (MEC), do Governo de Portugal.

Campanha “Machambinha” já lançou sementes



Acompanhados pelos respectivos professores, os alunos do segundo ano de escolaridade da EPM-CELP reciclaram pneus que serviram como vasos para sementeiras de salsa, coentro, rúcula, alface, alecrim e basílico, entre outras plantas aromáticas, numa iniciativa realizada a 22 de novembro último.

Esta atividade constitui a primeira etapa de implementação do projecto “Machambinha”, termo moçambicano que sig-

nifica horta, escolhido para os alunos do segundo ano no presente ano letivo, integrando o seu plano de estudos, nomeadamente no que se refere ao Estudo do Meio.

O projeto “Machambinha” está também relacionado com o Ano Internacional da Agricultura Familiar, decretado pela UNICEF para 2013, com o objectivo de sensibilizar as crianças para a necessidade de respeitar a agricultura, nomeadamente a de tipo familiar.

Crianças do pré-escolar foram ao “céu” brincar com a lua

O projeto “O Céu nas Nossas Mãos”, em desenvolvimento na EPM-CELP, ofereceu aos alunos do Pré-Escolar oportunidade de brincar com o sistema solar, aprendendo os seus segredos, no decorrer do primeiro período escolar.

Ao longo de sete semanas as sessões práticas abordaram temas como os planetas, as estrelas, as viagens e os instrumentos de exploração espacial, a vida a bordo da estação espacial internacional e as atividades diárias (lavagem dos dentes, alimentação...) dos astronautas, movimento de rotação da Terra e cuidados a ter com o sol, entre outros. Durante estas sessões, os alunos realizaram diversas atividades, tais como desenhar e colorir planetas e instrumentos de exploração espacial, fazer

origami do sol, queimar folhas secas com uma lupa como forma de sensibilização para os perigos do sol, bem como simular o aparecimento do dia e da noite.

A maioria dos alunos envolveu-se com muito entusiasmo nas atividades propostas pelos dinamizadores do projeto e demonstrou o que aprendeu ao longo das sessões, através da realização de um pequeno *quizz* relativo aos temas abordados.

Para finalizar a intervenção do projeto «O Céu nas Nossas Mãos» neste nível elementar de ensino, os alunos construíram um cenário de parede representando o sistema solar, para o qual todos os alunos contribuíram com os materiais que foram construindo ao longo das sessões realizadas até então.

Alunos do 7.º ano viraram paleontólogos dentro de “casa”

Os alunos do sétimo ano de escolaridade da EPM-CELP tornaram-se paleontólogos por um dia, vestindo a “pele” dos especialistas que estudam os seres vivos do passado que ficaram registados nas rochas. No átrio principal da nossa Escola, os alunos procuraram registos da passagem de seres vivos nas lajes daquele espaço, numa autêntica jornada de campo dentro de “casa”.

A jornada visou proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer mais o trabalho que os paleontólogos desenvolvem quando estão no campo, nomeadamente a procura de fósseis, o seu registo gráfico e fotográfico, bem como a orientação dos mesmos em relação aos pontos cardeais. Para tal, fizeram registos fotográficos e desenhos dos fósseis, utilizando os instrumentos usuais nas saídas de campo, como a máquina fotográfica, bússola, lápis, régua e caderno de campo.

PALESTRA

Desenvolvimento equilibrado do ser discutido no 1.º ciclo



AEPM acolheu uma palestra sobre “Educação para o desenvolvimento equilibrado do ser”, dinamizada por Dalila Paulo, psicóloga clínica e psicoterapeuta de orientação transdisciplinar, e dirigida aos professores do primeiro ciclo.

A iniciativa, que aproveitou a estada em Maputo de Dalila Paulo, coube ao Gabinete de Psicologia, em parceria com o Centro de Formação e Difusão da Língua Portuguesa da EPM-CELP.

Canto e dança ritmaram Natal 2013



ALUNOS

Pré-escolar e 1.º ciclo fantasiaram “palco” principal da EPM-CELP

Os alunos do pré-escolar e do primeiro ciclo da EPM-CELP revezaram-se no palco do pavilhão exterior, onde, a 12 de dezembro último, teve lugar a tradicional e principal festa de Natal do nosso estabelecimento de ensino. A música foi a rainha da festa e as canções a principal troca de presentes entre os alunos.

A festa contou com a presença de pais e encarregados de educação que, para além de assistirem aos desempenhos dos seus educandos no palco, tiveram igualmente oportunidade de participar na feira-exposição, que decorreu em paralelo e no mesmo local, de venda de diversos objetos construídos pelos alunos e alusivos à época natalícia. Espaço e momento houveram também para uma feira de livros e publicações com a chancela da EPM-CELP.

Para o final ficou reservada a grande surpresa do espetáculo de circo, encerrando a festa com muita fantasia e cor e, também, oportunidade para os alunos experimentarem pequenas acrobacias.



PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

Marrabenta encerrou a festa

Comes e bebes inauguraram o momento de confraternização entre os docentes e funcionários da EPM-CELP que se reuniram para o almoço anualmente realizado para celebrar o Natal.

Repostas as necessárias forças, os convivas encheram o átrio principal da nossa Escola para o espetáculo musical interpretado por professores e funcionários. A marrabenta transmitiu a alegria típica da festa moçambicana, à qual ninguém ficou indiferente, vencendo até receios de “fazer o gosto ao pé”.





Alunos da EPM-CELP festejaram Natal solidário no Hospital da Machava

No âmbito da disciplina de Educação para a Cidadania os alunos do 12.º ano da EPM-CELP visitaram, a 13 de dezembro, a ala de pediatria do Hospital da Machava, em Maputo, onde organizaram uma festa de Natal para as crianças internadas, com lanchinho e prendas.

Com o intuito de angariar fundos para a aquisição de presentes para oferecer a cada uma das 40 crianças até aos 14 anos, os alunos organizaram feiras gastronómicas no decorrer do primeiro período

escolar. Procederam, ainda, à recolha, pelas turmas do nosso estabelecimento de ensino, de produtos de higiene, peças de vestuário, livros infantis e brinquedos para, igualmente, distribuírem pelas crianças. Todas as atividades decorreram bem, evidenciando-se a generosidade e o espírito de entrega e de solidariedade da generalidade dos alunos.

Com o dinheiro angariado nas ações preparatórias da festa de Natal, os alunos adquiriram, ainda, uma televisão e um lei-

tor de DVD, oferecidos àquela unidade hospitalar.

O projeto de intervenção social dos alunos do 12.º ano visou atingir, entre outros, os seguintes objetivos: desenvolver comportamentos de responsabilização pessoal e social, promover um espírito empreendedor e solidário, implementar atividades em cooperação, fomentar atitudes de cidadania ativa e envolvimento em projetos que contribuam para a melhoria de vida dos cidadãos.

EXPOSIÇÃO

Pinturas infantis de outrora embelezam painéis atuais

A EPM-CELP acolheu uma exposição de painéis de pinturas provenientes do trabalho “Murais do Museu Nacional de Arte”, um projeto desenvolvido em 1994 pelos professores Harun Harun e Sílvia Bragança junto de crianças. Trata-se, por conseguinte, de obras executadas por crianças envolvidas, então, no referido projeto e que, a partir de 18 de dezembro último, foram expostas no átrio de entrada principal para as crianças do nosso estabelecimento de ensino.



O projeto “Mabuko Ya Hina” (Os nossos livros), liderado pela EPM-CELP, encerrou o seu plano de atividades de 2013 em ambiente de festa e recebeu nota positiva dos dirigentes escolares

“Uma Cidade com Livros” encerrou edição 2013 do “Mabuko Ya Hina”



“Uma Cidade com Livros” é o nome da festa de encerramento das atividades do projeto “Mabuko Ya Hina” (Os Nossos Livros), através do qual a EPM-CELP promove a literacia junto das escolas moçambicanas beneficiárias da iniciativa, com recurso às maletas de leitura e às bibliotecas escolares. A última edição da festa, que encerrou o ano escolar de 2013, ocorreu entre 5 e 8 de novembro, no Centro Cultural Municipal Ntsindya.

O recurso aos livros, às histórias, à poesia, ao canto e à dança diversificou o programa de atividades que animou, durante quatro dias, alunos, professores e encarregados de educação. A “Cidade com Livros” reuniu 18 das 22 escolas moçambicanas abrangidas pelo “Mabuko Ya Hina”. O evento ocorre no final de cada ano letivo do sistema de ensino de Moçambique, coroando um conjunto de iniciativas levadas a cabo pela EPM-CELP no

âmbito do protocolo de cooperação assinado entre os governos de Portugal e de Moçambique no domínio das bibliotecas escolares e da promoção da leitura.

O ano de 2013 assistiu à segunda edição da festa “Uma Cidade com Livros”, na qual se destacou a presença de um grupo de alunos da Escola Primária Completa 25 de Junho que, acompanhado pela respetiva professora, participou nas atividades programadas para os quatro dias. Estes alunos, motivados pelas diversas exposições a que assistiram, subiram ao palco, no último dia, para apresentação de uma peça teatral da sua autoria.

A criação de bibliotecas escolares e o projeto “Mabuko Ya Hina” visam disponibilizar serviços de aprendizagem, livros e recursos aos membros das comunidades escolares moçambicanas, tornando-os pensadores críticos e utilizadores efetivos de informação.

BALANÇO

“Mabuko Ya Hina” recebeu nota positiva na avaliação dos dirigentes escolares

O balanço das actividades do ano 2013 e a projeção da continuidade do projeto “Mabuko Ya Hina” reuniu, em novembro último, os diretores das 22 escolas moçambicanas abrangidas pelas iniciativas de criação e dinamização de bibliotecas escolares.

O balanço, que se estendeu aos últimos três anos, apontado pelos dirigentes escolares é positivo, apesar do reconhecimento de algumas dificuldades relacionadas com o transporte das maletas e a disponibilidade dos recursos humanos.

Realizado na Escola Primária Completa 12 de Outubro, no bairro Hulene, em Maputo, o encontro abriu com a exibição de dois documentários, o primeiro retratando o trabalho desenvolvido desde 2010 e o segundo ilustrando a representação da EPM-CELP na 2.ª Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial.

PARCERIA

Maletas de leitura inspiraram Festival Mafalala

Em parceria com o “Mabuko Ya Hina”, a Associação Livro Aberto recorreu às maletas de leitura para promover uma jornada de literacia, integrada no programa do Festival Mafalala 2013, promovido, a 9 de novembro, pela Associação IVERCA – Turismo Cultura e Meio Ambiente, no bairro da Mafalala, em Maputo.

A iniciativa ofereceu à pequenada “mafalense”, frequentadora da Escola Primária Unidade 23, a oportunidade de ouvir, desenhando e representando *estórias* dos livros. Para além da estimulação do gosto pela leitura, através do apoio prestado pelo “Mabuko Ya Hina”, as crianças e jovens da Mafalala passaram a beneficiar, também, de um parque infantil construído com material reciclado por iniciativa da Associação IVERCA.

FORMAÇÃO

“Khupaluxa” ensina jovens a “mabukar”

Gestão, catalogação e dinamização de maletas de leitura foi o conteúdo da ação de formação liderada pelo professor Heraclito Mucache, voluntário do Movimento Literário Khupaluxa, e dirigida a uma dezena de jovens daquela associação. A iniciativa, que ocupou três dias de dezembro e foi baseada nos módulos de formação sobre o tema promovidos em julho de 2013 pela EPM-CELP, permitiu a partilha de experiências relacionadas com a utilização de livros para o reconto, a escrita, a realização de trabalhos manuais, a dramatização e a dança.

Em parceria com a EPM-CELP, o Movimento Literário Khupaluxa colabora com o projeto Mabuko ya Hina na dinamização e incentivo da leitura, prevendo-se, para 2014, a criação de distintos núcleos literários nas escolas primárias.

Gonçalo Teles Gomes
 Cônsul -Geral de Portugal em Maputo



Falar português abre portas em todos os continentes

ENTREVISTA CONDUZIDA POR FULGÊNCIO SAMO

Quais as características da comunidade portuguesa residente em Maputo?

É uma comunidade muito bem integrada, trabalhadora e empenhada que contribui para o desenvolvimento de Moçambique. É honesta e tem um excelente relacionamento com a comunidade local. O seu espírito de cooperação e a disponibilidade para o trabalho são marcos que permitem o bom relacionamento com os seus patrões ou empregados, para além da aceitação da cultura local, do estabelecimento de amizades com os moçambicanos, com quem também se casam e têm filhos em comum, criando aqui raízes familiares.

A ligação histórica entre Portugal e Moçambique traz vantagens para a integração comunitária dos portugueses?

Nitidamente, a língua oficial em Moçambique é a mesma nos dois países o que é uma grande vantagem para os portugueses em relação a uma pessoa de outra na-

cionalidade que não fale português. Trata-se de duas culturas que se conhecem há séculos. A língua em comum e o conhecimento da realidade do país são mais-valias para os portugueses, como também para os moçambicanos que vão estudar ou trabalhar para Portugal, adaptando-se à cultura portuguesa. Isto reflete-se nas parcerias económicas, nos relacionamentos comerciais e nas trocas existentes entre a sociedade civil, como também aos níveis da educação e da saúde. O facto de termos uma história em comum tem aspetos negativos e outros positivos, contudo facilita a integração do português em Moçambique e do moçambicano em Portugal.

Qual a imagem que já construiu da EPM-CELP no quadro mais alargado das escolas internacionais em Maputo?

É uma imagem muito positiva, desde logo na qualidade e limpeza das instalações e infraestruturas que rivalizam com muitas das escolas públicas existentes em Portugal. Isso deve-se, certamente, ao trabalho

diário e ao planeamento por parte da Direção, do seu corpo pedagógico e dos seus alunos, o que é importante. E o facto de a escola não parar de crescer, em termos de alunos, ou de ser cada vez mais procurada, mostra também o quão é bem reconhecida em Moçambique. É uma das melhores escolas que existem em Moçambique, sem dúvida nenhuma. E espero que assim continue, tenho a confiança e a certeza que assim será.

Que papel tem assumido o Consulado nos aspetos da educação das comunidades portuguesas em Moçambique?

A promoção cultural portuguesa cabe, principalmente, à Embaixada e ao Camões. A EPM-CELP, sendo uma instituição pública portuguesa, tem essa competência por vocação e muitas vezes desenvolve-a em articulação com o Camões e connosco. O Consulado também tem a obrigação de promover a cultura, apesar de não ser a



nossa missão primordial. Nós precisamos e devemos mobilizar a comunidade portuguesa para contribuir e ajudar na promoção da língua e da cultura portuguesas. Nós somos um bom elo de ligação entre o Camões, a Escola Portuguesa e a comunidade. Ajudamos a criar sinergias junto da nossa comunidade, uma coisa que tem vindo a ser feita de forma positiva, podendo ainda ser mais potenciada e aprofundada. Um bom exemplo é a celebração do Dia de Portugal nas instalações da Escola Portuguesa, que presta apoio nos diferentes aspetos da promoção da cultura portuguesa. Para além das artes, da pintura, da música e da escrita, nessas iniciativas também se encontra refletida a nossa gastronomia e a nossa capacidade económica. E isso é feito em articulação entre o Consulado, a Comissão de Organização de Eventos e a Escola Portuguesa.

Como perspectiva, como diplomata e cidadão, a expansão da Escola Portuguesa para outros pontos do território moçambicano?

A minha área de jurisdição é constituída pelas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane. Na província de Maputo há uma grande comunidade portuguesa a viver na Matola, o que eu acho que tem de ser explorada essa necessidade de cobertura, que não é só da comunidade portuguesa mas também da própria comunidade local moçambicana e até de outras nacionalidades. A Escola Portuguesa tem hoje, no seu corpo discente, uma grande diversidade de nacionalidades e muitas delas não têm ligação à língua portuguesa. Isto mostra a qualidade e a capacidade da Escola Portuguesa de atrair alunos de diferentes origens. Trata-se de uma escola muito reputada junto da sociedade moçambicana, tendo muitos alunos nativos. Eu acho que seria desejável e muito bom que houvesse uma expansão, mas isso implica investimentos e financiamentos que, hoje em dia são limitados da parte do Governo português, devido à situação económica que se vive na Europa. Penso, no entanto, que isso pode ser ultrapassado através de iniciativas privadas, envolvendo empresas da comunidade, inclusive as empresas moçambicanas interessadas. Acho que é um caminho a seguir.

Tendo em conta o número de portugueses em Moçambique, o que pensa sobre a necessidade de garantir também o ensino superior localmente?

Cabe às autoridades moçambicanas, bem como à iniciativa privada moçambicana, refletir sobre isso. O que se pode continuar a fazer é cooperar com o ensino superior moçambicano. Em Moçambique há uma grande presença de universidades portu-



guesas que colaboram ativamente com universidades moçambicanas. Os professores portugueses vêm com frequência, temos leitores em várias universidades moçambicanas e talvez esse seja o caminho que faz mais sentido. O que não impede o investimento do setor privado. É preciso continuar a contribuir para que as universidades moçambicanas desenvolvam as suas próprias capacidades e competências, melhorando a qualidade de oferta de ensino.

Como vê a convivência e sobrevivência da língua portuguesa no cenário mais alargado de utilização das línguas locais bem como das línguas internacionalmente mais faladas, como o inglês e o francês?

Acho que, em termos mundiais, quem fala português tem uma mais-valia em relação a quem não fala. O português é a sétima língua mais falada, à frente, inclusivamente, do francês. Falar português, hoje em dia, abre as portas de todos os continentes. Também em termos de procura de trabalho é, sem dúvida, muito importante. Apesar do inglês ser uma língua universal não se pode falar em concorrência. Em termos de futuro, há cada vez mais afirmação do português na cena internacional através dos países da CPLP.

É para si preocupante a adaptação do português falado em diferentes partes do Mundo em relação à língua-mãe?

Penso que não, aliás, é sinal de que é uma língua viva e isso é bom. Há princípios básicos, como os gramaticais, que têm de ser respeitados, mas o resto é sinal de que temos uma língua dinâmica, o que é perfeitamente salutar.

A situação atual em Moçambique, relativamente à segurança e bem-estar, poderá comprometer o futuro do país?

Os responsáveis moçambicanos farão tudo para continuar este caminho de desenvolvimento, que oferece excelentes perspetivas para o futuro.

A segurança pessoal tornou-se preocupação central das pessoas, especialmente em novembro e dezembro últimos, o que originou recomendações do Consulado junto da comunidade portuguesa. Quais as suas perspetivas quanto ao evoluir desta situação?

A segurança dos nossos cidadãos é uma preocupação constante em qualquer parte do mundo, como parte do nosso dever e obrigação. Quando surgem essas ocorrências, como as de raptos e de focos de tensão em algumas zonas, ponderamos e fazemos as recomendações adequadas à comunidade portuguesa. Vivemos aqui, fazemos aqui o nosso quotidiano e vemos que não há um clima de catástrofe. Não é um país em guerra! Todos os lugares têm os seus problemas específicos. Nós estamos confiantes de que as autoridades moçambicanas estão a saber lidar com a situação e estão a combater alguns fenómenos específicos. Nós colaboraremos no que formos chamados a fazer.

Considera que a imagem passada pelos media em Portugal refletiu fielmente os acontecimentos em Moçambique?

A dimensão que ganhou em termos de comunicação social não corresponde à realidade. Os residentes em Maputo vivem o seu quotidiano e sabem o que se passa. O acumular de alguns fenómenos criminais condiciona o pensamento das pessoas e, por isso, é difícil controlar as perceções. Nós fazemos comunicações factuais e objectivas para ajudar as pessoas a construir perceções exatas, porque nem sempre a leitura imediata corresponde à realidade. A nossa informação é sempre ponderada, fatural e objetiva. E é feita quando há necessidade de a fazer.

Em caso de agravamento extremo das condições de segurança, o Consulado pode garantir o apoio necessário para a evacuação dos portugueses?

Em qualquer país do mundo é obrigação de todas as suas embaixadas terem um plano de contingência, faz parte do nosso trabalho, mas desejamos que nunca seja ativado. Esses planos de contingência são para fazer face a vários cenários, incluindo catástrofes naturais, guerra, etc. Mas estamos muito longe disso. Depois temos que ter consciência que não podemos oferecer um serviço como se estivéssemos em Portugal. Estamos num país que é soberano e tem as suas próprias leis e capacidades.



Quais as suas considerações relativamente à presença portuguesa em Moçambique nos últimos tempos?

O fundamental é que os portugueses continuam bem integrados, a dar boa imagem de si e a colaborar ativamente para o desenvolvimento de Moçambique. O resto corresponde às escolhas individuais das pessoas, como o casamento e oportunidades de trabalho ou académicas, pois existem diferentes razões pelas quais

Moçambique, foi aquele que mais emprego para os moçambicanos gerou nos últimos cinco anos. Portanto, há uma dupla dimensão: é normal que as empresas portuguesas tragam quadros próprios, mas, por outro lado, o que destaca o investimento português é criação de emprego e a transferência de *know-how*. Estamos, também, a fornecer cada vez mais vistos de entrada a moçambicanos para deslocações a Portugal com fins de negócio ou formação. Grande parte dos investidores portugueses pratica a responsabilidade



decidiram vir para Moçambique. Estamos preparados para lidar com o número de portugueses aqui residentes.

Na sequência do crescimento da comunidade portuguesa em Moçambique a comunicação social aponta uma série de problemas de integração e de relacionamento. Qual o seu ponto de vista?

Não tenho conhecimento de existência de problemas. Hoje em dia existem, aproximadamente, 23 mil portugueses a viver em Moçambique. Não posso garantir que todos estejam integrados, que sejam honestos e que corra tudo bem. Infelizmente, há sempre um problema ou outro, mas que eu saiba 99 por cento dos portugueses estão bem integrados e não tem qualquer tipo de problema com moçambicanos, que têm uma perceção positiva da imagem dos portugueses e da sua contribuição para o desenvolvimento do país.

Moçambique é o “éden” para os emigrantes portugueses?

A comunidade portuguesa cresceu, mas não tem a dimensão que as pessoas pensam. Mas cresceu porquê? O investimento português cresceu em Moçambique. As relações comerciais em todos os lados cresceram. Hoje em dia, segundo os próprios números do Governo moçambicano, Portugal, não sendo o principal investidor em

social, beneficiando as classes mais desfavorecidas da população moçambicana, o que distingue o investimento português dos restantes. E isto deve ser valorizado. Evidentemente que há casos de pessoas que, por causa da crise económica e financeira na Europa, também emigraram a procura de novas oportunidades. Mas, muitas dessas pessoas fecharam os negócios que tinham em Portugal e abriram outros aqui e, portanto, estão a criar emprego, a par de outros que vêm à procura de trabalho. É um fenómeno normal. Entretanto, cabe, sobretudo, ao Governo moçambicano fornecer as informações objetivas aos portugueses sobre os procedimentos legais e culturais a serem cumpridos para permitir uma boa adaptação ao país.

Quer deixar alguma mensagem à comunidade portuguesa na qualidade de cônsul geral de Portugal em Maputo?

É importante que a comunidade portuguesa esteja unida independentemente da sua origem ou fé religiosa. Também é importante que todos se sintam como portugueses e colaborem nas iniciativas da escola portuguesa, da embaixada e do consulado. Eu gostava de ver toda a gente sempre empenhada, como foi o grande sucesso da última festa de Natal da embaixada. Houve, realmente, uma grande



PERFIL

Gonçalo Nuno Gamito Beija de Teles Gomes
Cônsul -Geral de Portugal em Maputo

Data de nascimento
31 do outubro de 1971

Naturalidade
Setúbal (Portugal)

Habilitações académicas
Licenciado em Direito
Mestre em Direito Europeu

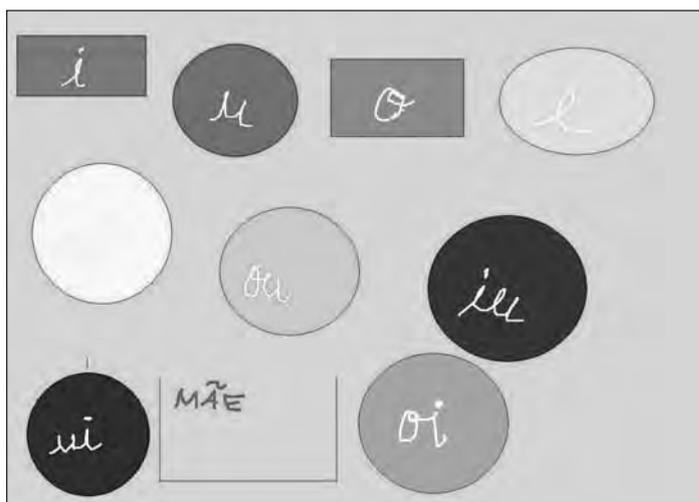
Percurso profissional
É diplomata desde 1995. Esteve colocado nas embaixadas de Portugal em Kinshasa, em Pretória, na missão de Portugal junto das Nações Unidas e na Organização Mundial do Comércio, em Genebra. Conselheiro político e diplomático do chefe da Missão de Paz das Nações Unidas no Chade e República Centro Africana. Foi diretor do Departamento das Américas no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Lisboa. É cônsul geral de Portugal em Maputo, desde Setembro de 2012.

Interesses
Viajar, literatura, cinema, música, mergulho no mar, gastronomia e vinhos, futebol e rãguebi.

Lema pessoal
Carpe diem.

participação das pessoas. E desejo ainda que as pessoas, por sua vez, tragam os seus amigos moçambicanos e de outras nacionalidades. É importante que os portugueses continuem a adaptar-se, a trabalharem de forma honesta e afincada para o benefício das suas famílias, daqueles que nos rodeiam e do país que nos acolhe. A Escola Portuguesa de Moçambique tem um papel fundamental nisso, através do apoio que presta na integração das crianças, pelas atividades e iniciativas que organiza, congregando gente das mais diversas origens, o que é também uma prova do seu sucesso. Portanto, desejo que a escola continue a fazer um excelente trabalho, que continue a ser uma bandeira de Portugal e da cooperação em Moçambique.

Aprendizagem das TIC reforça competências de leitura e de escrita



Quando falamos em aprendizagem escolar da leitura e da escrita referimo-nos a um processo que, algumas vezes, é moroso. Também nos referimos a mudanças de hábitos para as crianças que transitam do pré-escolar para o primeiro ciclo de escolaridade. Falamos, ainda, na tomada de consciência dos pais, educadores e professores de algumas dificuldades que os alunos apresentam neste momento específico de aprendizagem.

Com as atividades habitualmente desenvolvidas na sala TIC os alunos, de forma descontraída e motivante, complementam as aprendizagens realizadas em contexto de sala de aula, através da utilização de recursos tecnológicos que facilitam a aquisição e compreensão dos conteúdos curriculares.



Individualmente ou em grande grupo, os alunos aprendem segundo metodologias das quais se destacam as que recorrem a imagens, a animações e a jogos. É necessário fazer a viagem até ao mundo

onde as nossas crianças são reis - o mundo da brincadeira -, precisamente onde lhes são colocados os desafios de reforçarem as suas aprendizagens.

onde as nossas crianças são reis - o mundo da brincadeira -, precisamente onde lhes são colocados os desafios de reforçarem as suas aprendizagens.

RICARDO FRANCO
Professor de TIC

MOMENTOS EPM-CELP



“Infeção zero” na mira do combate

Para assinalar o Dia Internacional de Luta contra o HIV-SIDA, a EPM-CELP adoptou o lema “Adolescente, infeção zero!”, lançado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para 2013, e levou a cabo um conjunto de iniciativas na primeira semana de dezembro, integrado no programa de prevenção de doenças infecciosas, dinamizado pelo Gabinete Médico.

Professores, alunos e funcionários efetuaram, voluntariamente, testes de rastreio de HIV, contando com a presença de José Casanovas, médico especializado em análises clínicas e de laboratório, para o aconselhamento e entrega dos resultados. Com o apoio da coordenação pedagógica do ensino secundário, um grupo de alunos, membros da Associação de Estudantes da EPM-CELP, aplicou um inquérito a estudantes dos nono e 10.º anos de escolaridade, colhendo informações sobre os conhecimentos e práticas preventivas do HIV-SIDA. A partir dos resultados obtidos realizou-se um debate moderado pela médica escolar, Patrícia Silva, no Auditório Carlos Paredes. Paralelamente, uma projeção de diapositivos, sobre as formas de transmissão, as manifestações e os modos de prevenção e tratamento da epidemiologia do HIV-SIDA, ficou em permanência no átrio da entrada principal da nossa Escola.



Relembre-se que a elevada taxa de infeção pelo HIV, registada, principalmente, nos países de baixa renda e na África subsaariana - Moçambique regista um valor aproximado de 14 por cento -, tem originado muito sofrimento e mortes. Entretanto, o tratamento antirretroviral tornou possível, em vários países, o controlo da doença, reduzindo a mortalidade.

O desenvolvimento das atividades destinadas aos alunos da EPM-CELP teve em conta as novas orientações e políticas de

aconselhamento, testagem, tratamento e cuidados para os adolescentes portadores de HIV, difundidas pela OMS.

As iniciativas resultaram da articulação funcional entre diversos órgãos da EPM-CELP, designadamente o Gabinete Médico, a Coordenação do Ensino Secundário, o Centro de Recursos Educativos, a Associação dos Estudantes, os grupos disciplinares de Ciências Naturais e de Educação Visual, este último responsável pela decoração do espaço.

Rastrear e informar são as palavras de ordem

O Gabinete Médico da EPM-CELP promoveu, entre 12 e 15 de novembro, um conjunto de iniciativas que visaram assinalar o Dia Internacional do Diabético.

Numa iniciativa integrada no Programa de Saúde Escolar da nossa Escola, a população estudantil teve a oportunidade de avaliar o seu índice de massa corporal e efectuar a medição digital de glicemia. Realizou-se, também, o rastreio e levantamento de novos casos de diabetes, dando-se prioridade à atualização da informação dos casos registados anteriormente. Paralelamente, uma aluna portadora de diabetes, do 12.º ano



da EPM-CELP, dirigiu uma palestra aos seus colegas do nono ano de escolaridade, relatando a sua própria experiência de convivência com a doença.

Para além das atividades ao “vivo”, o programa contemplou igualmente a difusão de informações variadas sobre o diabetes, através da afixação de cartazes e projeção de vídeos em vários locais da nossa Escola. O refeitório mereceu atenção especial, não só como local privilegiado de difusão de informações, mas também porque a administração adotou ementas compatíveis com a prevenção da doença.

palavra empurra palavra

EDIÇÃO FULGÊNCIO SAMO | TEXTO JOÃO PAULO VIDEIRA

...porque há sempre lugar para mais uma palavra!

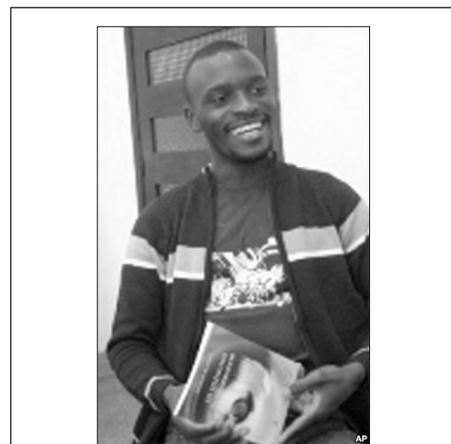
LITERATURA

Eu vi um escritor

Lucílio Manjate: O Escritor e o Romance

Eu vi um escritor. Às vezes vejo publicados. Normalmente, os publicadores auto-intitulam-se de escritores e quando o fazem, nós percebemos que o não são. Era uma sessão solene com homenagens e figuras públicas e institucionais a emoldurarem o cenário onde se desenrolou a mesa redonda que nem reparei se era redonda mesmo ou só no nome. E os fatos e as gravatas e os perfumes e as palmas e os apertos de mão e as mãos no ar a pedir a palavra e as perguntas e as respostas a persegui-las. E o escritor, de sorriso cândido e palavra genuína disse Eu estou num processo de aprendizagem, na busca de um provável escritor em mim. E calou-se. E eu vi o escritor nele. E depois retomou a palavra e disse outros espantos, que tinha decalcado muitos textos dos outros, do José Craveirinha, dizia ele, lia os textos e decalcava a ver se ficava como ele e confessava o plágio e eu lembrava-me de que os romanos incentivavam isso, fomentavam o plágio dos bons autores como arte de aprender. E era a hora das receitas e eu com medo. Se ele me vem dizer em que posição se escreve um romance, quantas páginas se deve escrever por dia, com que braço, com que caderno, a que velocidade, eu levanto-me daqui e vou perder o tempo para outro lado, quem sabe, comer uma omeleta no "Piri-piri". Mas ele calou-me a intenção. O escritor. Jovem. Humilde. Sabedor. E disse como quem se escusa de ensinar, ensinando, às vezes aprendemos as técnicas inconscientemente. Como é verdade, jovem escritor. Como é verdade que tantas vezes é a escrita que nos ensina a escrever, que nos mostra a vida e o caminho das palavras. Como é verdade que às vezes acordamos para as palavras e elas já lá estão. Eu vejo o escritor como um parasita que se alimenta de leituras. Tens razão. E de gente. E movimentos. E de palavras ditas. E de vida e de tudo o que seja observável. Sabes, escritor, às vezes vou no carro a conduzir e a companheira vai falando, falando, desenhando a vida, planeando os gestos

e depois pergunta-me a opinião e eu Hã?! e ela se zangando porque eu não estava a ouvir. Em que vais a pensar? Quer saber. Vou a escrever. E escrevo sem caneta nem papel, na cabeça, enquanto remexo no que vi, observei, em última análise, no que li. E tinhas de falar das técnicas e dos rituais. Pediram-te. E tu que não queres nada disso, tudo o que queres é escrever, disseste a outra verdade, Cada escritor inventa os seus rituais. Pois é. Uns andam de braço dado com a boémia, outros se levantam de madrugada, outros são obesos e sedentários, outros ainda correm e suam no ginásio, outros é quando chove, outros é nas férias, havia um que era de pé e outro que era nas costas desnudadas das amantes saciadas. E de ti sabemos o essencial proferido com as palavras simples e exatas. Sem receitas. Sem truques nem artificios. Escrevo sob o signo da surpresa, da subversão e da loucura. E eu bebia-te as palavras, a simplicidade da presença afável e humilde em lições jovens de vida e de estar. Eu vi um escritor, a metamorfose constante do homem que regurgita a vida para os outros e lha oferece limpa de si, cristalina e depurada. Crua.



Lucílio Manjate é um jovem escritor moçambicano. Ensaísta e editor da Revista Proler, do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, publicou os livros de ficção "Manifesto", 2006, e "Os silêncios do narrador", 2010. Co-organizou as antologias de contos "Esperança" e "Certeza 2", 2008, e "Era uma vez...", 2009, publicadas pela Associação dos Escritores Moçambicanos, da qual é membro efetivo. É docente de Literatura na Universidade Eduardo Mondlane. "A Legítima Dor de Dona Sebastião" data de 2013 e é sua mais recente publicação em prosa.

Em "A Legítima Dor de Dona Sebastião"

Em "A Legítima Dor de Dona Sebastião", Lucílio Manjate opta pela crueza. As palavras ferem-nos como a vida. As suas personagens são interessantes porque são densas, mas sobretudo, porque sendo risíveis, elas são profundamente trágicas. Há um tom trocista que, ao pormenor, se percebe que é irónico, sarcástico mesmo. São pessoas do dia-a-dia da grande urbe, Maputo. Pessoas de vícios incontáveis, de virtudes a despontar por entre os tais vícios. Fisicamente indistintas do cidadão comum. Mas têm histórias dentro delas. E essas histórias chegam até nós não nas pessoas que elas são, mas nas que poderiam ter sido. Até o título tem dor. Pode ser a dor física. Pode ser a grande de quem vive só no meio da imensa cidade: a Solidão. Pode ser a dor do tempo que passa e nada mais traz do que jogos de cartas, cigarros a arder, cervejas a beber e... uma mesa suja de látex. Esse obsessivo látex. Essa obstinada sujeira. A da mesa. E a dos homens que jogam na mesa. O romance é breve e, contudo, tem a vida toda lá dentro. E é, claramente, o espelho do seu autor. É um romance de surpresas e espantos, de subversões e loucuras, de simplicidade, de busca. A busca das personagens e a busca do autor nas linhas que se desenhavam num estilo fluente, desapaixonado, mas apaixonante.

Histórias vividas, histórias sentidas (III)

Este número do “Histórias vividas, histórias Sentidas (III)” tem a intenção de dar uma ideia do pulsar das almas que procuram os Serviços de Psicologia e Orientação (SPO) e nos fazem acreditar que o nosso trabalho vale a pena. Fazemo-lo com os testemunhos daqueles que sentem, desde o aluno, ao professor, ao funcionário e ... ao psicólogo. Sim, porque também os psicólogos dos SPO's que existem espalhados por tantas escolas têm um sentir e um dizer... Sem comentários, apenas com os sentires, aqui ficam as histórias vividas e sentidas daqueles que justificam a nossa existência...



EDIÇÃO E TEXTO ALEXANDRA MELO

O nosso dia-a-dia de trabalho da Escola Portuguesa de Moçambique é vivido, sempre, para e com toda a comunidade escolar. A porta está sempre aberta para receber todos aqueles que, em algum momento, confiam que estamos lá para ouvi-los, para aconselhá-los e até para lhes darmos a solução...

Os professores também vivem o seu quotidiano em contacto com situações de sala de aula nem sempre fáceis de resolver. Muitas delas são tão delicadas que apenas a pessoa do professor, com a sua sensibilidade e sentir, poderá aproximar-se dos coraçõezinhos das pessoas dos alunos com tantas histórias a sentir. É o caso da situação ilustrada no texto de Maria Manuel publicado ao lado.

Os meninos com necessidades educativas especiais, para quem o sentir e a autenticidade de o exprimir é tão grande, são os que nos fazem refletir sobre a grandeza da sua alma e a grande capacidade de exercitar a autocrítica. A história contada pelo António, publicada na coluna ao lado, é o sentir de um menino com autismo, que escreve por iniciativa própria, junto da psicóloga, um texto através do qual faz uma reflexão sobre o seu envolvimento conflituoso com um colega, situação frequente entre crianças sem consequências disciplinares. No entanto, a situação deixou o António tão aborrecido e zangado com ele próprio que o levou a procurar a psicóloga da Escola para lhe pedir apoio no autocontrolo das suas emoções. Para ele, no seu quadro de desenvolvimento, a situação apresentou-se com uma gravidade tal que o seu sofrimento se tornava insuportável.

O sentir da professora

“Conheci-vos em setembro de 2009, ou seja, no início do actual ano lectivo e lembro-me de todos, de olhinhos bem abertos e curiosos sobre quem iam ser os vossos professores, ao pé de alguns de vocês estavam os pais para vos apoiar e depositar a sua confiança no papel educativo da Escola. Fui conhecendo cada um longo das aulas e percebendo as suas características. Gostei muito de todos vocês e acho que as vossas diferenças fazem a riqueza da turma. O ano lectivo foi passando e comecei a sentir uma agitação cada vez maior nas aulas, mais discussões, desentendimentos, invejas, queixas constantes... Por vezes falei com vocês e procurei passar para todos as minhas ideias, princípios e valores em relação à educação, ao saber viver/trabalhar em conjunto. Vocês sabem ouvir, dar opiniões, conhecem as regras, afirmam concordar com elas mas, logo a seguir, parecem esquecer-se de tudo... Pergunto-me todos os dias, porquê??? O meu maior desejo é continuar a trabalhar com todos, no próximo ano lectivo. Espero que vos agrade terminarmos o ciclo todos juntos, mas para isso precisamos de muita unidade, de seguir o princípio dos três mosqueteiros “Um por Todos e Todos por Um”. O sucesso só é possível se cada um der o seu melhor, para si e ajudando os outros; isso exige trabalho, disciplina, organização. Conto com a colaboração de todos.”

A professora que vos adora
MARIA MANUEL

O sentir especial

“As minhas atitudes não foram corretas. Devia ter ignorado o mal que o Luís me fez e eu me vinguei, mas prejudiquei-me a mim mesmo. É grave o assunto, está nas autoridades (...). Isto é grave. Posso ter que ir para uma casa de correção de menores. E também posso ser desprezado pela sociedade. Provoquei um problema grave, mas ao início era um propósito vingativo para humilhar o Luís, mas não tinha consciência que isso era mau. Bom, não devia ter feito isso. Pedi desculpas sinceras ao Luís e ele pediu desculpa a mim por me ter sujado a roupa. E agora estou metido em sarilhos. Eu posso ser condenado pela sociedade. A Escola, os pais do meu colega, os meus pais e as autoridades vão reunir-se para discutir este caso. E estas são as medidas para melhorar a minha atitude em relação à sociedade: Não ser vingativo; ser pacífico; não responder às provocações dos outros.”

ANTÓNIO (13 ANOS)

Outros sentires

“Quando eu for grande quero ser assistente social, independente, livre e poder ajudar muitas pessoas e o meio ambiente! Quero participar em todos os protestos contra a destruição do meio ambiente e proteger os animais do Homem! Quero tirar, à parte, um curso de psicologia para poder entender as pessoas e, principalmente, as crianças porque é delas que começa o Homem e a sua maneira de ser. Sei que quero ser muito! Neste momento isto tudo é um sonho, que quero se torne realidade. Sei que tudo depende de mim, porque sou eu que quero para o meu futuro, por isso mesmo conto comigo! Mas agora temos de pensar no presente porque é nele que tudo começa. Nós, os seres humanos, temos de olhar à nossa volta e pormo-nos nos lugares das pessoas que fazem mal e não só, mas também nos lugares dos animais e das árvores. No fundo no lugar da Mãe Natureza”, porque é a ela que nós devemos as nossas vidas. Por isso a única coisa que eu peço é para todos nós pensarmos duas, três ou até cinco vezes, antes de agirmos.”

MARIA (13 ANOS)

Porque o corpo também brinca...

Múltiplas atividades desportivas marcaram o encerramento do primeiro período escolar do ano letivo 2013/2014 na EPM-CELP. Uma jornada de decompressão das tarefas escolares mais rotineiras através da expressão física e desportiva, com forte intervenção organizativa dos nossos alunos. Uma experiência sempre compensadora.

